



Sistemas Sociais Sucessionais  
:Cuidando as Pessoas.



Nota: Por acordos internacionais, esse curso só pode ser apresentado por pessoas qualificados em Permacultura. A qualificação em Permacultura significa que o professor tem completado esse mesmo curso com um professor qualificado, e que por minimo de duas anos depois o curso, aplicou e recebeu um Diplomado em Permacultura por parte das autoridades nacionais (ou onde não existe) por o Instituto da Permacultura da Australia.

Esperamos que organizações e autoridades locais, como Universidades e Secretarias da Educação e escolas respeitam e compliam esse acordo com um respeito dos direitos intelectuais dos autores da Permacultura (bill Mollison e David Holmgren), seus alunos e o Colegio Internacional da Permacultura.



# Sumário

|          |                         |          |
|----------|-------------------------|----------|
| <b>1</b> | <b>Sistemas Sociais</b> | <b>5</b> |
| 1.1      | Bases Principais        | 6        |
| 1.1.1    | Vida                    | 6        |
| 1.2      | Um Futuro Complexo      | 6        |
| 1.2.1    | Linux vs Microsoft      | 7        |
| 1.2.2    | Visa                    | 7        |
| 1.2.3    | Millennium Challenge    | 8        |
| 1.2.4    | Pontos do Lavancagem    | 9        |
| 1.2.5    | Ubuntu                  | 10       |
| 1.2.6    | Participação            | 13       |
| 1.2.7    | Governança              | 14       |
| 1.3      | Movimentos Sociais      | 16       |
| 1.3.1    | EcoVilas                | 16       |
| 1.3.2    | Cidades em Transição    | 17       |
| 1.3.3    | ReLocalização           | 21       |
| 1.4      | Dinamicas e Practicas   | 22       |
| 1.4.1    | Cafe Mundial            | 22       |
| 1.4.2    | Espacos Abertos         | 25       |
| 1.5      | ProAção Cafe            | 28       |

|       |                        |    |
|-------|------------------------|----|
| 1.6   | Aquario                | 30 |
| 1.6.1 | Aquário fechado        | 31 |
| 1.6.2 | Aquário aberto         | 32 |
| 1.6.3 | Princípios             | 32 |
| 1.7   | Colheita das Historias | 33 |



# Lista de Figuras

|     |                                            |    |
|-----|--------------------------------------------|----|
| 1.1 | "Eu existe. porque nos somos" <sup>1</sup> | 12 |
|-----|--------------------------------------------|----|

# Sistemas Sociais

Olhando o desenho da sustentabilidade, notamos que a sociedade e actividades humanas são totalmente embutidas a dentro o ambiente da Natureza. Isso significa que cada actividade tem um impacto na ambiente, em uma forma ou outra. Muitas actividades humanas tem pouco impacto. Duas pessoas conversando não tem tanto impacto, menos que eles estão consumindo oxigenio, e em caso que eles estão sentados em um banco num parque, a produção do banco tiro recursos da Natureza.

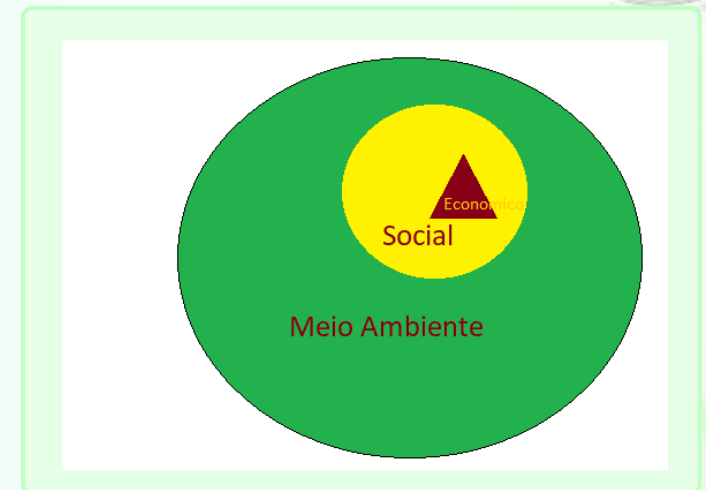
Tem actividades claro que tem impacto positivo na Natureza. Pessoas plantando arvores, protegendo um especes do animal ou sendo cuidadosa para evitar contaminar mais agua do que necessario (construindo banheiro seco por exemplo).Mas, uma maioria das actividades humanas tem impactos negativos na natureza, dirigindo carros, construindo com cimento, cortando areas enormes das florestas para produzir carne em forma super-ineficiente, consumindo para consumir.

Por isso Permacultura coloca muita enfasis em tecnicas ecologicas quias buscan minimizar estas impactos. Por isso uma boa parte de qualque curso da Permacultura da enfasis em esse aspeitos e tecnicas ecologicas.

Lembramos que muitos os desafios ambientais, são criados por actividades das pessoas. Em verdade quase todo. È as ações das pessoas que poluir a atmosfera, os rios, os solos, desmatar as florestas e desviar os rios.

No mesmo tempo, com interesse construir um mundo mais sustentavel e ate resiliente, precisamos prestar atenção nas questões sociais. Não só no sentido de como eles impactara na Natureza, mais tambem em como eles impactaram em outras pessoas. Não existe sustentabilidade quando um grupo das pessoas negar os dirietos humanos de uma outro grupo. Não existe sustentabilidade em guerra, nim em conflictos sociais. Nao existe sustentabilidade em forçando populações enormes relocalizar por a ganhanso dos corporações ou por dogma religiosa. Não existe sustentabilidade em conflitos e violencia domestica, em vicios como alcool, drogas ou tabaco.

Por isso, Permacultura tem a etica simples, e profundo - "cuidar as pessoas". È a etica social da Pemacultura





## Bases Principais

### Vida

No inicio de nossos estudos em Permacultura, consideramos a importancia da Vida e como ela esta organizada. Grato ao trabalho do Geoffrey West, entendemos como a Vida esta organizada e funciona acima redes. Vida, e todas seus sub-componentes (especies, habitats, florestas, ecologias, individuais) são sistemas complexos adaptivos. Isso significa que Vida esta dependente e funciona por seus conexões e interconexões. Cada especie e cada individual na especie esta ligada e interdependente em cada outra. Vida é um grande teia. A Teia da Vida.

Isso nos dá uma inspiração a respeito a etica "cuidar as pessoas". Cuidando as pessoas, é cuidando a fabrica da teia da vida. A teia em que, todos nos estamos um parte!

### Um Futuro Complexo

A Vida é construida acima sistemas complexos. E pode ser, por isso a complexidade na universo esta aumentando.

Pensamos na vida de nossos vos. Pode ser sim carro, sem televisão, celulares, laptops.... No noite escutando as noticias por radio ou lendo o jornal. Passando o fim de semana escrevendo cartas, cortando a grama ou indo a praia por onibus. Uma vida tranquila, simples. E hoje, tantas coisas fazer e nenhum momento sem responder o celular, com noticias das mudanças climaticas e refugiados em Europa. Nossa vida é mais complexo da vida de nossos proprios vos.

E, esta complexidade vem continuará aumenta. Como vamos lidar com a complexidade do futuro. Como resolveremos os desafios do futuro?

A interpretação nova da historia das civilizações antigas, é que eles entram colapso por causa da complexidade. Joseph Tainter e Jared Diamond nota como as civilizações antigas respondam a aumenta a complexidade, isso drenando cada vez mais recursos



para manter a estrutura social. Aparece que cada civilização entrou colapso quando a grau da complexidade que ela enfrentou (criou) chegou a ocupar mais recursos do que estavam disponíveis.

Notamos que em cada desses casos, parte a resolução foi criar estruturas de controle cada vez mais hierárquica e centralizadas. Hoje em dia vemos este padrão continuando e culminando na eleição de governantes centralizadores e autoritários com Donald Trump, Theresa May, Angela Merkel, Emmanuel Macron e agora Jair Bolsonaro.

No mesmo tempo estamos vendo indicações que isso é exatamente ao contrário a que precisamos. Estruturas administrativas não têm como lidar/resolver problemas de natureza complexa. Por isso, não avançamos na luta contra mudanças climáticas porque os políticos ainda são pensando em forma antiga.

Mas existem algumas indicações das estruturas que funcionam em situações complexas.

## Linux vs Microsoft

Apple Macintosh liberou o primeiro computador pessoal em 1983, e Microsoft liberou seu primeiro sistema dos Windows de 1985. Em pouco tempo esses dois sistemas operacionais (e proprietários) dominaram o mundo. E as empresas cresceram rapidamente, dominando o mercado.

Com tanta dominância do mercado, como será possível por uma terceira possibilidade entrar no mercado. Claro que Linux conseguiu, mas como?

Quando Windows e Apple são sistemas proprietários, controlados e secretos, Linux é um sistema de código aberto. Com um sistema de-centralizado, distribuído, como muitas pessoas estão trabalhando em forma voluntária, o Linux é uma alternativa viável.

## Visa

Todas nós conhecemos ou usamos cartões de crédito Visa. Imaginamos que Visa é um tipo de banco enorme - eles processam \$US bilhões por semana. Em realidade, Visa





não é um banco. É um protocol. Um concordo de como transações economicas serem feitos. Os donos do Visa são os lojas e bancos que adaptaram esse protocol. Visa não existe na bolsa dos valores. O control é distribuida nos socios.

O fundador da ideia é Dee Hock, hoje fundador do conceito das Organizações Caordicas

## Millennium Challenge

Em 2002, o exercito dos EUA conduzio uma simulação do guerra com um exercisio do treinamento e aprendizagem. O cenario foi bem aparecido da guerra onde eles invadiam Iraq em 2003 (dessert storm).

Nos jogos, o time azul (EUA) tive todos os recursos e tecnologia disponiveis... drones monitorando o movimento e operação dos vehicles (por infra-vermelha), escutando as conversas dos celulares, todas as comunicações por radio e televisão - todo disponivel em tempo real por o centro do commando onde os generais tomaram decisões. No Gulfo tive mais de 30 navios, incluindo duas lancadores de avioes e varios navios de batalia.

Como oposição, o time vermelha tive acesso a armas convencionais, comunicações basicos e uma grande exercisio urbano. Para lider o time vermelho, eles selecionam uma lt-general apostentado, Paul Van Riper. Ele tive algumas semanas para selecionar e discutir com seus sub-comandantes e planejar seus estrategias.

Julho 24, o jogo começou.

Na segunda dia do jogo, o time vermelho inicio uma ataque intensivo que fundio um lancador dos aviões, dez navios de batalho e cinco navios amfiniosas. Na simulação 30.000 soldados morreram. Eles continuaram o ataque com barcos dos pesquadores encheados com explosivos (o radar do time azul nao deteta barcos de madeira) e fundio mais da força azul.

O jogo foi suspenido.

Na terceira dia, os navios e soldados azuis foiram resusitados, e as regras do simulação mudada para tem certeza que as forças azuis vem ganhar.

Uma lado do exercisio tive um sistema rigidamente heirarquica, com tecnologia super-sofisticada e um linha de comando bem definida e centralizada. Por outro lado,



Videos de Youtube das entrevistas com Paul Van Riper - só em inglis!



 Self-Organizing Groups



 How to be In Command and Out of Control - parte 1



 How to be In Command and Out of Control - parte 2



 How to be In Command and Out of Control - parte 3



 Power of Purpose

That Time a Marine General led a Fictional Iran Against the US Military - and Won Millennium Challenge 2002 You Sank my Carrier



Van Riper teve uma estratégia geral, e depois formam sub-grupos quase independentes, com instruções a ser criativas e tomar ação sem espera autorização (com acordo para informar o Van Riper das ações, quando foi tempo a fazer).

O conflito foi entre um sistema hierárquico, contra um sistema onde o poder foi distribuído! O sistema distribuído, sem liderança centralizada ganhou! Nas entrevistas Van Riper dá ênfase na necessidade de ter comando, e ser "fora controle", no sentido que os sub-grupos tem autonomia decidir e fazer....e da avaliação para que o todo possa aprender e transformar!

Isso não seja tão suprema por ecólogos e cientistas sistêmicos. A Natureza, e toda a vida é organizada por redes e interações múltiplas.... e não por linhas de comando hierárquicas. Especialmente em momentos de conflito ou desafio sério (mudanças climáticas, pico do petróleo, pico solos....) a organização em redes permite mais flexibilidade e gerar novas propostas com mais rapidez. Os estudos de

## Pontos do Lavagem

Quando começamos estudar sistemas complexos, vamos chegar reconhecer a cientista Dinella Meadows. Donella foi uma dos primeiros cientistas estudando e desenvolvendo a ciência sistêmica. Ela foi líder do grupo Clube de Roma, que publicou o estudo "Limites ao Crescimento" em 1972. Ela também é autor de vários livros e documentos a respeito da ciência sistêmica.

Durante uma reunião a respeito NAFTA (acordo de comércio entre Canadá, EUA e México), discutindo as restrições e limitações ela teve uma inspiração, e escreveu os pontos do lavagem nos sistemas. Com seus estudos em sistemas ela percebeu os níveis diferentes de onde será possível mexer com um sistema, e quais são os níveis mais poderosos.

- Constantes, Parâmetros e Números - mexendo com os números, por exemplo no orçamento nacional podemos aumentar o orçamento para educação (ou diminuir-la em caso do Fora-Temer), diminuir gastos com guerras (EUA nunca!)....estamos

---

<sup>0</sup><https://thesystemsthinker.com/the-nature-and-creation-of-chaordic-organizations/> Nature of Chaordic Organizations



simplesmente mudando os numeros, nao estamos tendo muito impacto profundo na sistema.

- Tamanho de buffers ou de inventário acumulado
- A estrutura do fluxo de inventário.
- Tamanho dos tempos de resposta.
- A Força dos ciclos de feedback negativo.
- Dirigindo ciclos de feedback positivo.A Estrutura do Fluxo de Informações.
- As regras do sistema
- O poder da auto-organização.
- As metas do sistema
- O paradigma sobre o qual o sistema se apoia.
- O poder de transcender os paradigmas.

## Ubuntu

No sul da África o povo tem uma forma diferente de se complementar quando se encontram. Eles não falam "olá, como vai?". Não querendo que você responda de verdade a pergunta.

Uma pessoa fala - "Eu te vejo". Isso significa que ela esta reconhecendo a pessoa em sua frente. Reconhecendo e que ela esta presente para a outra pessoa. Presente, não só fisicamente, mas emocionalmente e psicologicamente presente. A pessoa esta falando que - nesse momento sua atenção é totalmente para com a outra pessoa.

E a segunda pessoa vai responder - "Estou aqui". Significando o mesmo, que ela esta presente totalmente para a outra pessoa.





Nesse momento se estabelece uma comunicação de forma muito profunda. Não com seus ouvidos mas com seus corações.

Nossa cultura esta bem influenciada por uma frase de René Descartes - "Penso, logo existo!". Para o povo africano, Ubuntu, é o mais correto "estou em relação com você, logo existo!". Não é nossa habilidade de pensar que valida e prova nossa existência, mas nossa habilidade de relatar e se conectar com o outro. Quando entendemos isso, nossas relações com outras pessoas podem mudar e sermos mais profundos e menos egoistas.





"Eu existe. porque nos somos"<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup><http://rosalbadiaz.com/424/>



## Participação

Participação é uma das necessidades humanas. Até o economista, Manfred Max Neef, reconhece e incluiu a "participação" como um dos satisfatores essenciais para o desenvolvimento humano.

Sentir que se é parte do sistema social de onde se mora.

Sentir que sua opinião foi ouvida e considerada.

As pessoas se sentem valorizadas quando percebem que tiveram a oportunidade de participar, mesmo que a decisão final, não seja a mesma que eles desejavam. O fato de sentir que sua opinião foi considerada é importante. Participação também existe em vários níveis e dependendo da situação podemos aumentar ou não o grau da participação. Lembra que criar um alto nível de participação por um grupo grande de pessoas pode demorar. O processo é mais lento do que deixar algumas lideranças ou especialistas tomarem as decisões. Mas, com frequência, as decisões rápidas não consideram todos os detalhes ou não são feitas realmente no interesse da maioria e, mais na frente, o povo não vai concordar e até cooperar ou atender a estas mesmas decisões. Normalmente, as pessoas defendem e atendem decisões feitas desde que tenham tido participação e, o grupo ou a sociedade anda com mais paz e harmonia. Precisamos estudar e desenvolver habilidades para facilitação de processos participativos. E, sempre desconfiar de processos menos participativos e mais burocráticos.

## Níveis de Participação

Entendemos que não é tão simples assim a questão de participar ou não. Depende da maneira como os processos são facilitados em que é possível criar níveis de participação mais ou menos profundos. Uma reunião pública, onde as autoridades controlam a mesa central e o microfone, apresentando e anunciando suas decisões e ao final, deixando alguns minutos para perguntas e comentários da platéia não é um processo bem participativo. Mas, é bastante utilizado em nome da "participação" e levará a frustrações e desconexões à comunidade em questão. Na França, esse nível de processo levou os alunos a fazer esse poster....*eu participa,*

*tu participas,*

*ele participa,*

Aqui, começamos a mergulhar na segunda ética da Permacultura, "cuidar das pessoas". Como aplicamos a Permacultura nas questões sociais.

Participação - Os estudos e pesquisas da cientista "Elanor Ostrom", dentre outros, mostram a importância da participação na criação de uma sociedade e/ou comunidade justa e sustentável. Existem muitas formas de praticar a participação e muitos níveis de participação. Como e onde podemos melhorar a participação na escola?



Uma Escada da Participação Cidadã

Ladder of Citizen Participation

ARNSTEIN, Sherry R. A ladder of citizen participation. Journal of the American Institute of planners, v. 35, n. 4, p. 216-224, 1969. ARNSTEIN, Sherry R. Maximum feasible manipulation. Public Administration Review, v. 32, p. 377-390, 1972.



*nós participamos,  
vós participeis,  
eles profitam*

. Sherry Arnstein, identificou oito níveis de participação (desde o nível mais alto até o mais baixo)-

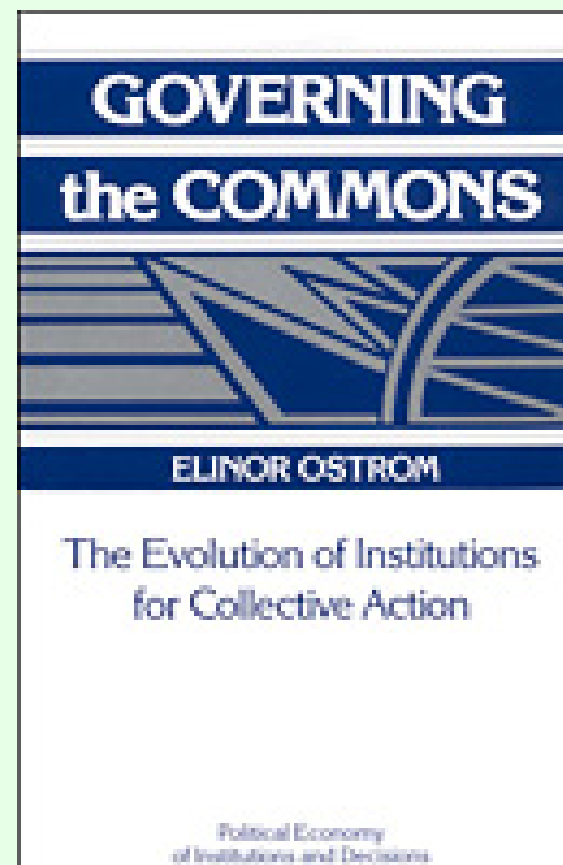
- Controle de Cidadãos
- Poder Delegado
- Parceria
- Placacao
- Consulta
- Informação
- Terapia
- Manipulação

Será importante sempre trabalhar com o nível mais alto possível e planejar dinâmicas que permitam isso.

## Governança

A palavra governança pode significar várias coisas e várias formas de administrar e manejar recursos e populações.

Aqui, prestamos atenção aos sistemas de governança que são sustentáveis. Provadas a serem sustentáveis...por tempo. Em 1984, uma economista de nome Garret Hardin publicou um artigo na revista "Sciencia", com o título "Tragedia dos Bens Comunes". Nesse artigo tem poucos dados e em verdade é a opinião pessoal dele. Ele insiste que recursos comuns, vão degradar se não for por uma agência externa cuidar/manejar os recursos. Por ele só existem duas agências possíveis, o governo ou empresas particulares. No artigo





ele dá exemplo de uma area de pastagem aberta a todos. Cada pessoa com recursos, tem interesse particular para colocar tantas vacas que ela podem comprar. Nesta forma, em pouco tempo a area do pastagem tera mais vacas do que será sustentável e a pastagem vem degradar.

Mesmo que isso foi uma opinião particular, foi aceitado em massa, e hoje é um parte integral da pensamento economica, especialmente os pensamentos economicos neoliberais.

Elinor Ostrom (e seu marido Vicent Ostrom) questiono a opinião da Hardin e começou buscar, identificar e estudar exemplos do manejo sustentável das recursos naturais. Ela definiu sustentável como um sistema funciona por mais de 100 anos.

Esta pesquisa de 30 anos foi reconhecida em 2011 quando Elinor Ostrom foi a primeira mulher receber o Premio de Nobel em Economia (e até hoje a única mulher).

Em 1990 Elinor publicou suas pesquisas no livro "Governando os Comunes", onde ela documenta as comunidades que conseguem manejar seus bens comuns.

Recebendo o Premio de Nobel, ela explicou as condições onde comunidade conseguem manejar seus recursos. Os princípios comuns a estas comunidades são:

- fronteiras bem definidas;
- coerência entre as regras de apropriação e provisão com as condições locais;
- arranjos de decisão coletiva;
- monitoramento coletivo;
- sanções graduais e flexíveis;
- mecanismos de resolução de conflitos, simples, baratos e transparentes
- reconhecimento mínimo de direitos de organização; e
- alinhamento e articulação intersetorial na gestão (administração policêntrica)



Os estudos da cientista "Elinor Ostrom" a respeito de "Governança" são bem interessantes e profundos. Eles também questionam algumas atitudes e dogmas fortes existentes em nossa sociedade e em nós mesmos. Têm implicações muito fortes a respeito da gestão no contexto de uma escola, uma comunidade local, um estado ou até mesmo de um país. Cada um de nós, terá pouca influência em se tratando de escala maior como de um país, mas podemos ter impacto mais forte em escalas menores como na escola de nossa comunidade ou em nossa escola. Neste sentido, estudar os princípios que Elinor Ostrom apresenta, explicar e pensar em um exemplo de como podemos aplicar isso em nossa escola ou comunidade.





## Movimentos Sociais

### EcoVilas

Segundo a Global Ecovillage Network (GEN) “Ecovilas são comunidades rurais ou urbanas de pessoas, que buscam integrar um ambiente social assegurador de um estilo de vida de baixo impacto ecológico. Para atingir este objetivo, as ecovilas integram vários aspectos do projeto ecológico, permacultura, construções de baixo impacto, produção verde, energia alternativa, práticas de fortalecimento de comunidade e muito mais”.

Ainda existe poucos ecovilas em Brasil. Existe algumas comunidades pequenas.

Como na sociedade em geral, o desafio principio na ecovilas é a questão social... como tomar decisões coletivas e como resolver conflitos. Duas questões importantes que as vilas encontram.... como decidir para aceitar uma novo membro. E mas difícil ainda, como excluir um socio (como, porque e quando!)

As vezes os conflitos são serios acima temas aparecimento simple. Por exemplo, na formação primeira ecovila em Australia (o famoso Crystal Waters permaculture Village), duas temas ficam bem problematicas. A primeira foi a decisão que permitira que pessoas podem tomar um banho no riozinho, em um poso bem isolado e escondido.... tomar banho sem roupas. lembrando que em Australia, pessoas são mais abertas em sua atitude a naturalismo....mesmo foi uma decisão comprida e problematica. E a outra, foi acima a assunto dos animais da estimação.... serem permitidas ou não. As animais nativas do Australia são timidas e não gostam animais domesticos importadas - por exemplo o kanguru não vem mais perto do 3 kilometros do cheiro de um cachorro. Nos queremos a presença das animais nativas, e isso necessitou a exclusão total das animais domesticos. Isso foi um polemica por anos.

O movimento da Ecovilas inicio em Europa com o movimento das "Coviviencias". Inicialmente grupos das pessoas profissionais, sentido isolado ou alienado por seu trabalho, buscam comprar casas juntos, onde eles podem contruir um vida mais comunitaria durante as fim das semanas.

Esses grupos comecaram organizar conferencias anuais para compartilhar seus ideias e experiencias. Em uma destas conferencias em 1991, na comunidade do Findhorn, foi discutida a proposta para que eles também formam comunidades mais rurais e que eles

<http://www.clareando.com.br>  
<http://www.ipoema.org.br>  
<http://www.ipemabrasil.org.br>  
<http://www.asabranca.org.br>  
<http://www.ecovilacunha.org>  
<http://www.terrauna.org.br>  
<http://www.ecoaldeia.org>  
<http://www.viversimples.com.br>  
<http://www.ecovilavaledourado.com>  
<http://www.ecoviladamontanha.com.br>  
<http://www.ecojaodebarro.blogspot.com>  
<http://flordeourovidanatural.blogspot.com>  
<http://www.ecovilasantabranca.ning.com>  
<http://www.casajaya.com.br>  
<http://www.moradadafloresta.org.br>  
<http://www.sitiogralhaazul.net>  
<http://www.ibiosfera.org.br>  
<http://www.sitioduascachoeiras.com.br>  
<http://www.seteecos.com.br>  
<http://www.moradanatural.com>  
<http://www.matutu.org>  
<http://www.sitiogravata.blogspot.com>  
<http://www.ipep.org.br>  
<http://www.arcaverde.org>  
<http://www.institutoanima.org>  
<http://www.institutocarakura.org.br>  
<http://www.piracanga.com/portugues>  
<http://www.ipeterras.org>  
<http://www.ipemabrasil.org.br>  
<http://www.lothlorien.org.br>  
<http://www.trigueirinho.org.br>  
<http://www.irdin.org.br>  
<http://www.redeaurora.org.br>  
<http://www.ecovilatiba.org.br>  
<http://www.nossaecovila.com.br>  
<http://www.viverdiferente.xpg.com.br>  
<http://www.gaiaterranova.com.br>  
<http://gaiaeducation.blogspot.com>



levaram consideração e o desenho as questões ambientais. Por isso, o nome EcoVilas.

O primeiro estudo mais detalhado destas comunidades é o livro "Ecovilas e Comunidades Sustentáveis" por Robert e Dianne Gilman. Pouco depois Hildur Jackson e Karen Svensson publico "Vivendo em Ecovilas"

Anos depois, o movimento cresceu muito e ao fim dividiu em quatro regionais, o GEN Europa, o GEN Africa e o GEN Oceania e a CASA Americas. CASA Brasil não aparece bem ativa, mas existe varias ecovilas ainda ativas.

## Cidades em Transição

Em 2004, Rob Hopkins, um professor de permacultura, juntamente com seu amigo Naresh Giangrande iniciou o desenvolvimento de um novo conceito, o chamado "Transition Town", na cidade inglesa de Totnes, local de residência de Rob. Rob e Naresh dedicaram mais de um ano envolvendo e mobilizando a população local sobre as questões relacionadas com a crise energética e a mudança climática. Também, envolveram professores e renomados pensadores do Schumacher College, importante instituto de ensino de sustentabilidade localizado também em Totnes.

Destes debates promovidos, sessões interativas e educativas, após esse período a comunidade já estava apta a sugerir e contribuir com ideias de como fazer a transição de uma realidade de elevado consumo de energia para um estado mais sustentável. Em 2006, o Transition Town Totnes foi formalmente lançado como um movimento.

O conceito de Transition Town está baseado na crença de que as melhores soluções veem não de um governo que está distante da população, mas da própria comunidade. Seguindo o sucesso de Totnes, Rob estruturou sua metodologia que está sendo implementada por milhares de outras comunidades ao redor do mundo.

A metodologia se fundamenta basicamente em seis princípios:

Visão - Criação de visões positivas do futuro que podem mobilizar a comunidade;  
Inclusão - Desenvolvimento de diálogo com toda a comunidade; Tomada de consciência - Desenvolvimento de conhecimento a respeito das questões e particularidades da própria comunidade; Resiliência - Construção de comunidades resilientes, que estejam prepa-

<sup>1</sup><https://ecovillage.org/>

Estudar e escolher um exemplo que te interessa. Escrever um breve relatório a respeito delas. Onde se localizam, como funcionam, o que elas fazem, e quais são as regras internas?



 Cidades em Transição

 Fórum Cidades em Transição -

Parte 1

 Minha Cidade em Transição



radas para enfrentar choques e mudanças; Envolvimento emocional e afetivo - Apoio às pessoas na superação do senso de impotência para a mudança e isolamento; Criação de soluções críveis e adequadas - Desenvolvimento de soluções que sejam factíveis e propostas pela própria comunidade.

Desde seu lançamento, Transition Town Totnes já desenvolveu trinta projetos relacionados com outras áreas de interesse da comunidade, como transporte, educação, saúde e alimentação.

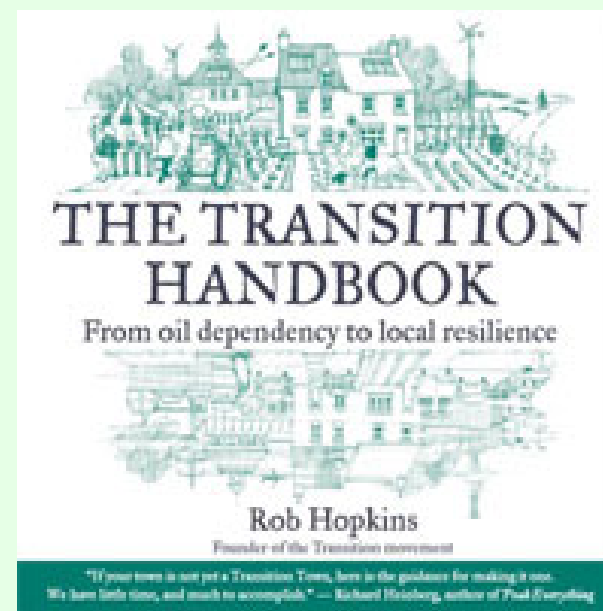
Em 2007, foi lançada a rede de apoio intitulada “UK charity Transition Network” para ajudar outras cidades e comunidades a desenvolverem a metodologia e, desde então, o movimento vem se expandindo rapidamente de forma viral e global, sendo contabilizadas oficialmente 382 iniciativas e 458 em desenvolvimento, em 34 países.

Um indicador chave de sucesso é o número de governos locais e executivos que passaram a se envolver com o movimento. Outro fato marcante é que o livro “Transition Towns handbook” foi o mais lido pelos representantes do parlamento britânico no verão passado.

**Uma experiência bem sucedida no Brasil** Nesse movimento de expansão do Transition Town pelo mundo o Brasil foi um dos países a adotar e implementar essa ideia. Ganhando contornos específicos e relativos aos problemas do país como, necessidade de inclusão social, violência, desemprego, o movimento no Brasil já alcança vários estados. Uma das mais bem sucedidas histórias de Transition Brasil localiza-se em São Paulo, na grande favela da Brasilândia.

Um trabalho estruturado, baseado nos passos e princípios do Transition Town foi implementado e após pouco tempo soluções foram desenvolvidas e os resultados já apareceram. Indicadores como violência sofreram forte redução a partir de soluções práticas provenientes da própria comunidade.

Considerando-se as imensas dimensões geográficas do país, suas especificidades de cultura e de características, além das questões sociais não menos relevantes, a metodologia do Transition Town se configura como uma solução prática e simples, que pode ser aplicada em qualquer contexto, gerando motivação e envolvimento de todos na comunidade.



Manual da Transição



## 12 passos para a Transição

Para orientar cidades interessadas em aderir, Rob Hopkins, o grande teórico e criador do movimento já aqui referido, organizou "Os 12 passos para a Transição" e apresentou-os no seu livro "The Transition Hand Book" ("Livro de Bolso da Transição", numa tradução livre).

São eles:

- Formar grupos na sociedade para discutir possíveis acções para diminuir o consumo de energia na sociedade.

Preparar a sociedade em geral para falar das consequências do fim da era do petróleo barato e sobre aquecimento global. Isso para chamar a atenção das pessoas sobre esses temas, do pico do petróleo e da mudança climática, e assim levá-las a começar a pensar em soluções para uma redução da pegada de carbono e um incremento da autossustentabilidade. Daí ser relevante abordar vários assuntos que se reflectem com eles, tais como: a importação de alimentos, o transporte, a energia, a educação, a moeda local e o urbanismo.

É importante que o sucesso colectivo seja colocado acima dos interesses pessoais. Deve haver um representante para cada grupo.

- Identificar possíveis alianças e construir redes de contacto, na internet e fora dela;
- Incorporar ideias de outras organizações e iniciativas já existentes.

Há que agir como um catalisador que leva a comunidade a explorar soluções e a pensar sobre estratégias de mitigação, a partir das bases instaladas localmente;

- Organizar o lançamento do movimento. Isso pode ocorrer entre seis meses e um ano após o passo número um.

Com o amadurecimento do projecto, há que o levar para dentro da comunidade, para criar um ritmo que empurra sua iniciativa para diante em direcção a um novo período de trabalho e comemora o desejo da comunidade de entrar em acção;

- Formar subgrupos de trabalho que vão olhar para suas regiões específicas e imaginar como a sociedade pode se tornar auto-suficiente e capaz de suportar choques externos, como a falta do petróleo.

Esse é outro movimento internacional, iniciou por meio da Permacultura, e hoje existem milhares de cidades buscando ser mais sustentáveis e mais resilientes. Buscar um exemplo para estudar. Escrever seu relatório.





É fundamental estabelecer alguns grupos menores para se concentrar em aspectos específicos do processo. Cada um desses grupos vai desenvolver seus próprios meios de trabalhar e suas próprias actividades, mas estarão todos sob o guarda-chuva do projecto como um todo;

- Fazer eventos em espaços abertos.

É importante que a sociedade perceba o movimento e queira fazer parte dele[4];

- Realizar actividades que requerem acção benéfica para a comunidade.

Há que evitar qualquer impressão de que o projecto é apenas um clube de discussões, em que as pessoas se sentam e fazem listas de desejos. Precisa, desde o início, começar a criar manifestações práticas, bastante visíveis para a melhoria da qualidade de vida das pessoas no espaço vizinho circundante;

- Recuperar a hábitos perdidos como fazer encontros comunitários, cozinhar, fazer jardinagem, cultivar hortas e andar a pé ou de bicicleta.
- Construir bom relacionamento com governo local, cultivar uma relação positiva e produtiva com as autoridades locais;
- Escutar e relacionar-se com os mais velhos.

As pessoas que viveram entre 1930 e 1960, época em que o petróleo ainda não era tão importante, podem ter muito a ensinar. É preciso recuperar muitas das habilidades que eram comuns à época de nossos avós. Uma das coisas mais úteis que uma Iniciativa de Transição pode fazer é reverter a “grande descapacitação” dos últimos 40 anos oferecendo treinamento para uma ampla variedade dessas habilidades;

- Não manipular o processo de transição para essa ou aquela tendência.

O papel do movimento não é levar todas as respostas, mas deixar que a população encontre meios para a transição. O movimento deve ser um grande catalisador de ideias. O talento colectivo da comunidade levará ao surgimento de soluções plausíveis, práticas e engenhosas;



- Criar um plano de acção para reduzir o consumo de energia da cidade.

Este deve ser apresentado internamente, antes de colocá-lo em prática, interligando-o com o todo.

## ReLocalização

*A relocalização é uma estratégia para construir sociedades baseadas na produção local de alimentos, energia e bens, e o desenvolvimento local de moeda, governança e cultura. Os principais objetivos da relocalização são aumentar a segurança energética da comunidade, fortalecer as economias locais e melhorar as condições ambientais e a equidade social. A estratégia de relocalização desenvolvida em resposta aos impactos ambientais, sociais, políticos e económicos da dependência global da energia barata.*

Uma movimento, mais conhecido nos EUA, buscando auxiliar comunidades locais para dar ênfase e desenvolvimento local. Bem aparecida do movimento Cidades em Transição em Inglaterra.

---

<sup>1</sup><https://transitionnetwork.org/> <http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2011/outubro/um-modelo-sustentavel-para-as-comunidades>

<sup>1</sup><https://www.postcarbon.org/relocalize/>  
<https://permacoletivo.wordpress.com/transicao/>  
<http://www.appropedia.org/Relocalization>  
<https://wiki.p2pfoundation.net/Relocalization>

# Cafe Mundial

Como foi falado, a questão central nas comunidades é organizações é como tomar decisões. E isso depende muito na comunicação e entendimento entre os socios ou membros da comunidade. Cafe Mundial é uma das formas para trabalhar com grandes numeros das pessoas, deixando que eles expressar e reconhecer suas opinões e desejos. A cafe mundial nao necessariamente vem tomar decisões, mas é muito util para começar entender as interesses e ideias dos socios. A pagina do Cafe Mundial explica que os principios são: -

- Definir o contexto Preste atenção ao motivo pelo qual você está reunindo as pessoas e o que deseja alcançar. Conhecer o propósito e os parâmetros de sua reunião permite considerar e escolher os elementos mais importantes para realizar seus objetivos: por exemplo, quem deve participar da conversa, quais temas ou perguntas serão mais pertinentes, que tipos de colheita serão mais úteis, etc ..
- Criar um espaço hospitaleiro Os anfitriões de cafés de todo o mundo enfatizam o poder e a importância de criar um espaço hospitaleiro - que seja seguro e convidativo. Quando as pessoas se sentem à vontade para serem elas mesmas, elas fazem seu pensamento, fala e escuta mais criativos. Em particular, considere como o seu convite e a sua configuração física contribuem para criar uma atmosfera acolhedora.
- Explorar as questões que importam O conhecimento surge em resposta a perguntas convincentes. Encontre perguntas relevantes para as preocupações da vida real do grupo. Perguntas poderosas que “viajam bem” ajudam a atrair energia coletiva, percepção e ação à medida que elas se movem por todo o sistema. Dependendo do prazo disponível e dos seus objetivos, o seu Café pode explorar uma única questão ou usar uma linha de investigação progressivamente mais profunda em várias rodadas de conversação.





- Encoraje a contribuição de todos Como líderes, estamos cada vez mais conscientes da importância da participação, mas a maioria das pessoas não quer apenas participar, quer contribuir ativamente para fazer a diferença. É importante encorajar todos em sua reunião a contribuir com suas ideias e perspectivas, ao mesmo tempo em que permite que qualquer pessoa que queira participar simplesmente ouça isso.
- Conecte Perspectivas Diversas A oportunidade de se deslocar entre mesas, conhecer novas pessoas, contribuir ativamente com seu pensamento e vincular a essência de suas descobertas a círculos de pensamento cada vez mais amplos é uma das características distintivas do Café. À medida que os participantes carregam idéias ou temas-chave para novas tabelas, eles trocam perspectivas, enriquecendo enormemente a possibilidade de surpreender novos insights.
- Ouça juntos para padrões e insights Ouvir é um presente que damos um ao outro. A qualidade de nossa escuta é talvez o fator mais importante que determina o sucesso de um Café. Ao praticar a escuta compartilhada e prestar atenção a temas, padrões e insights, começamos a sentir uma conexão com o todo maior. Incentive as pessoas a ouvir o que não está sendo falado junto com o que está sendo compartilhado.
- Compartilhar Descobertas Coletivas - Conversas realizadas em uma tabela refletem um padrão de integridade que se conecta com as conversas nas outras tabelas. A última fase do Café, muitas vezes chamada de “colheita”, envolve tornar esse padrão de integridade visível para todos em uma conversa em grande grupo. Convide alguns minutos de reflexão silenciosa sobre os padrões, temas e questões mais profundas vivenciadas nas conversas em pequenos grupos e chame-os para compartilhar com o grupo maior. Certifique-se de ter uma maneira de capturar a colheita - é recomendável trabalhar com um gravador gráfico.

Em pratica o espaço é organizado com mesas pequenas, com espaço por 4 pessoas ficam sentadas. Pessoas sentam alatoriamente. Cada mesa tem uma pergunta central a ser discutida. Quando posivel, cafe, cha e biscoitos ou bolo é disponivel para gerar uma ambiente informal. No inicio cada mesa vem indier uma "fitriao"da mesa. Na mesa tambem é disponivel carnetas e folhas grandes de papel, onde participantes são encoragadas fazer notas, desenhos e explicações.





Depois um tempo (normalmente 15 a 20 minutos), todas as pessoas levantam e buscam sentar em outra mesa. Menos o fitrião da mesa. Pessoas não ficam com mesmo grupo, mas agora são com outras pessoas em outras mesas. Nesse roda, a fitrião sumaraiza a discussao e ideias do grupo previo, e a discussão continuara. Normalmente cada mesa tem pergunta diferente (mas ainda relevante a tema geral do encontro).

Normalmente tera 4 ou ate 5 rodadas (e 4 ou 5 perguntas motivadores). Ao fim, as fitriões relatam a sequencia das conversas na sua mesa.

Quando posivel esta informação é gravada em forma visual para todas podem apreciar.

Existe varios grupos usando e treinando outras pessoas em como usar esse dinamica.

Uma iniciativa do grupo do Café Mundial em EUA, tem uma processo, se chamou : Wiser Together (Sabia a Juntos).... a pagina fala:-

Wiser Together é um empreendimento pioneiro de experiências de conversação, programas de aprendizagem e serviços de consultoria projetados para desenvolver e sustentar a colaboração multi-geracional nas questões mais críticas de hoje. Praticantes multigeracionais do World Café estão preparados para trabalhar dentro de comunidades e organizações para explorar a sabedoria coletiva e a co-criatividade que aparecem quando intencionalmente convidamos as vozes e contribuições únicas de todas as gerações para participar.

Wiser Together Guiding Principles (para mais detalhes veja o site Wiser-Together.com )

Convide e Honre Contribuições Únicas Fomentar Parcerias Reais Projetar experimentos inovadores Crie espaços seguros e inclusivos Use formas criativas de aprender e trabalhar em conjunto Cultive Amizades Significativas Aprenda Juntos, Colete Insights e Compartilhe Descobertas Compartilhe as histórias do nosso passado; Desenvolva as histórias do nosso futuro

O Wiser Together Collaboratory é um grupo de trabalho de diferentes gerações que coletivamente tem décadas de experiência em projetar e hospedar conversas significativas. Cada um de nós experimentou diretamente o poder de compartilhar e colaborar através das gerações, e nossa paixão vive nas infinitas oportunidades que emergem dessas conexões.

Os eventos da Wiser Together trazem uma ação mais sensata em nossas organizações e comunidades, envolvendo novos dados demográficos e aproveitando os presentes e



contribuições exclusivas de cada geração:

Wiser Together Cafés Nossa equipe multi-geracional projeta e hospeda conversas poderosas - convidando pessoas através de gerações para participar intencionalmente. Esses eventos servem como um “ponto de entrada” para as pessoas experimentarem o poder da interação multi-geracional e agirem como um catalisador para um novo pensamento e uma ação inspirada e colaborativa. Estes Cafés podem ser personalizados para atender às necessidades de qualquer ambiente; em uma organização, oficina de conferência ou reunião comunitária maior.

## Espacos Abertos

Isso é outro processo participativa que permite que grupos grandes discutir e conversar a respeito as asuntos importantes deles. Ela foi desenvolvido por Harrison Own nas anos 1980s.

Citando "Arte de Anfitriar Educação 2018", <http://institutonhandecy.org.br/>

A Tecnologia de Espaço Aberto, ou Open Space Technology, é uma metodologia que possibilita que qualquer tipo de pessoa, em qualquer tipo de organização, crie reuniões e eventos inspiradores. Trata-se de uma metodologia para a criação de um espaço aberto no qual os participantes propõem e se responsabilizam pelos temas a serem discutidos e aprofundados, cocriando a própria agenda do evento. Com o Espaço Aberto, não há ideias que permanecem ocultas ou não ditas. Tudo emerge. É uma forma de organizar reuniões, conferências ou grupos aproveitando a motivação dos indivíduos e fazendo uso da capacidade de auto-organização inerente a qualquer sistema. Assim, os participantes migram da posição de expectadores para protagonistas do processo. O Espaço Aberto é útil para quase todos os contextos, incluindo geração de novas ideias, planejamento de ações, direcionamentos estratégicos, projeções de futuro, resolução de conflitos, construção de moral, consulta com influenciadores, planejamento comunitário, colaboração e aprendizagem profunda sobre questões e perspectivas. É um método ideal para usar nas fases divergente e emergente de um processo mais longo que use diferentes metodologias. As pessoas geralmente amam a sensação de espaço e liberdade oferecida por essa metodologia. CONDIÇÕES PARA UM BOM ESPAÇO ABERTO Esse é um





excelente formato para qualquer situação em que exista:

- problema real;
- diversidade entre os participantes;
- Complexidade de elementos;
- Desprendimento do resultado;
- Presença de paixão (que pode incluir um conflito) e;
- Senso de urgência.

A DINÂMICA O grupo de anfitriões recebe todos os participantes em um círculo e apresenta brevemente o processo que será realizado, incluindo quantas rodadas de conversas estão previstas. Os participantes com questões e questionamentos emergentes relacionados ao tema do encontro são convidados a entrar no círculo, escrever em um papel sua proposta de conversa e anunciá-la ao restante do grupo. Essas pessoas anfitrião essas conversas. Cada anfitrião cola seu papel na parede e escolhe um horário e um local para sua conversa, criando a agenda. Esse processo continua até que não haja mais itens a serem fixados. O círculo se quebra e os participantes caminham até a agenda construída colaborativamente pelos anfitriões, e tomam nota do local e horário das conversas que pretendem se engajar. São iniciadas as sessões de conversas, conforme acordado na agenda. Em cada conversa, um colheitador registra os pontos importantes que emergem para compartilhá-los na sequência com o grupo todo. Antes dos intervalos ou do encerramento das sessões, o grupo pode se engajar na convergência da conversa, um processo que levanta os pontos discutidos e define planos de ação e solução. A atividade encerra com a reabertura do círculo, onde todos são convidados a compartilhar suas impressões e insights que surgiram durante o processo. OS PAPÉIS NO ESPAÇO ABERTO

- Anfitrião – Propõe um tema e anfitriã uma conversa;
- Participante – Participa das conversas propostas;
- Abelha – Transita entre as mesas, polinizando ideias e insights e;





- Borboleta – Transita no Espaço Aberto e não necessariamente participa das conversas, mas sustenta o campo através de sua presença e reflexão.

Um aspecto importante em um processo como esse é o registro das conversas que acontecem, o que também chamamos de colheita<sup>29</sup>. Há diversas maneiras de se fazer isto, sendo que uma das mais usadas é a criação de um template para que cada grupo, ao longo da sua conversa, registre a essência do que foi falado. Isto normalmente é feito em folhas grandes o suficiente para que fique visível para todos no grupo e possa ser compartilhado com mais pessoas no fechamento. Também é possível fazer um registro falado durante o fechamento do Espaço Aberto, no Círculo, com todos os participantes.

### OS PRINCÍPIOS DO ESPAÇO ABERTO

- Quem quer que venha são as pessoas certas;
- Quando começar é a hora certa;
- O que quer que aconteça é a única coisa que poderia ter acontecido e;
- Quando acabar, acabou.

LEI DOS DOIS PÉS “Se você está em um lugar onde não esteja nem contribuindo e nem aprendendo, use os seus dois pés e vá para outro lugar.” Siga sua paixão e assuma a responsabilidade por sua colaboração e aprendizado. PERGUNTA GUARDA-CHUVA Para a construção da agenda, é importante elaborar uma pergunta norteadora<sup>30</sup>, uma pergunta “guarda-chuva”, que gera perguntas ou temas relacionados ao que ela instiga. É uma pergunta que abre possibilidades. Esta pergunta é direcionada aos participantes para convidá-los ou instigá-los calorosamente a proporem temas de conversas que sejam muito importantes para eles. O tom a ser dado neste convite é algo como: Se há um tema muito presente para você e que te apaixonou, assuma a responsabilidade de propor uma conversa sobre ele. A ESTRUTURA PARA UM ESPAÇO ABERTO

- Uma sala grande o suficiente para acolher o grupo inteiro durante as rodadas;
- Paredes ou murais onde a agenda será criada e exposta;
- Outras salas ou locais para as conversas sobre os temas propostos;





- Ter estandes de cavalete ou papel nas paredes para a colheita escrita ou gráfica das principais ideias pode ser útil;
- Microfones, se necessário;
- Tempo (dependendo de onde se pretende chegar, um Espaço Aberto pode ser realizado num período de 3 horas ou de 3 dias).

Para saber mais sobre o Espaço Aberto

Nota: o Instituto Nhandecy, Curitiba é um dos institutos mais ativos na área do design social e desenvolvimento social, e recomendamos os cursos e oficinas deles!

## ProAção Café

De Novo, citando "Arte of Hosting Educação 2018" O Pro Action Café é uma metodologia que promove espaço para conversas orientadas à criação, inovação e ação. Os participantes são convidados a trazerem chamados, projetos, ideias, questionamentos ou o que quer que seja significativo para eles. As conversas ocorrem com o intuito de colher contribuições da inteligência coletiva presente para a manifestação dos chamados no mundo, ou mesmo para levá-los à prática. O Pro Action Café é uma mistura do Café Mundial<sup>31</sup> e do Espaço Aberto<sup>32</sup>. Assim como no Café Mundial, as conversas acontecem em mesas rotativas, ou seja, cada pessoa participa de diversas conversas. Sendo assim, evoca, traz à tona e torna visível a inteligência coletiva do grupo, através da polinização de ideias. E, assim como no Espaço Aberto, não há uma agenda pré-definida. Os temas das conversas são propostos pelos próprios participantes no início do processo. Conversas que se conectam e se constroem, conforme as pessoas movem-se entre as mesas, polinizam ideias de forma cruzada e oferecem novos insights para as questões ou assuntos que são muito importantes em suas vidas, trabalho, organizações ou comunidades. O Pro Action Café pode evocar e tornar visível a inteligência coletiva de qualquer grupo, aumentando a capacidade das pessoas para ação efetiva de realizar um bom trabalho. Pode ser aplicado para uma rede de pessoas ou para grupos específicos, de modo a engajar conversas criativas que inspirem e contribuam para ações mais sábias.

“A verdadeira viagem da descoberta não reside em buscar novas paisagens, mas sim em ver com novos olhos.” Marcel Proust



**DINÂMICA DO PRO ACTION CAFÉ** O processo geralmente começa com um rápido Check-in em círculo para conectar com o propósito da sessão e com os demais participantes. Se o Check-in já tiver sido realizado como parte de um processo mais longo, pode-se ir direto para a construção da agenda. Convide os participantes a apresentarem seu chamado e pedir a ajuda que precisam para colocá-lo em prática. As pessoas com um chamado ou projeto ficam de pé, explicam brevemente a ideia ou projeto e o colocam na agenda, num espaço correspondente a um local de conversa identificado (de forma numerada). A quantidade de chamadores com ideias ou projetos é, geralmente, limitado a um quarto do número total de participantes. Assim, para um grupo de 40 pessoas, teremos no máximo 10 temas a serem chamados. O princípio é: quem se manifesta primeiro tem a preferência. Se houver menos temas, adicione mais cadeiras às conversas, mas procure não deixar mais de 5 cadeiras por mesa. Durante o processo, cada participante contribuinte (os que não trouxeram temas) chegam para contribuir e apoiar três projetos diferentes ao longo das três rodadas de conversa. Assim que a agenda for criada, convide os chamadores para irem para os locais identificados (numerados) correspondentes. Cada rodada de conversa terá duração de 20 a 30 minutos. Cada uma delas será guiada por algumas questões para ajudar a focar e aprofundar a conversa. Entre as duas primeiras rodadas, dê um intervalo rápido de 2-3 minutos para os participantes contribuintes relaxarem e ficarem prontos para apoiar o tema de mais um chamador na rodada seguinte. Diferentemente do que ocorre no Café Mundial<sup>34</sup>, as questões usadas no Pro Action Café já são pré-definidas:

- 1a rodada – Qual é a questão por trás deste chamado/sonho/projeto? Para aprofundar a necessidade e o propósito do chamado.
- 2a rodada – O que está faltando? Para explorar o que poderia fazer o projeto mais completo e possível. Não é sobre elaborar uma lista do que falta fazer!
- 3a rodada – O que estou aprendendo sobre mim mesmo(a) e sobre o meu projeto? Quais são meus próximos passos? Que ajuda ainda preciso? Para ajudar o chamador a “juntar as peças” e sintetizar o seu projeto. Antes de começar essa terceira rodada, dê 15-20 minutos para os chamadores refletirem individualmente sobre essas questões e registrarem seus insights . Enquanto isso, convide os demais participantes para um intervalo. Após esse intervalo, acontece a última rodada,



na qual três ou quatro novos participantes contribuintes visitam uma nova mesa para ouvir o registro do chamador, seu aprendizado, seus passos e ajudas necessárias, bem como para contribuir ou oferecer algum tipo de apoio. O último passo é reunir o grupo todo em um círculo e convidar cada um dos chamadores para compartilhar as respostas destas duas questões:

- Pelo que agradeço?
- Quais serão meus próximos passos? Se houver tempo, o grupo todo pode refletir junto de forma breve sobre:
- Que oportunidades vemos para prática do Pro Action Café em nossos contextos?

Finalize o Pro Action Café com um gesto coletivo de apreciação ao trabalho realizado e aos presentes dados e recebidos.

**MATERIAIS E ORGANIZAÇÃO** Crie um círculo grande e, em outra parte, monte espaços de conversa de 4-5 lugares cada um, de acordo com a quantidade de chamadores. Se o espaço não permitir a criação destes dois ambientes, então é possível modificar a disposição do espaço quando necessário. Prepare as mesas da mesma forma que no Café Mundial, com folhas de flipchart e material para anotações. Prepare também a matriz da agenda com a quantidade máxima de mesas, de acordo com o número total de participantes, dividido por quatro. Para saber mais sobre o Pro Action Café.

## Aquario

Citando a "Arte de Anfitriar Edicacao 2018"(ref:-

O Aquário, ou Fishbowl, é uma metodologia que funciona como uma alternativa aos tradicionais debates ou painéis de discussão. É um processo que pode ser usado para trazer transparência a processos de decisão, aumentar o entendimento sobre assuntos complexos e tratar de temas polêmicos. Ele incentiva a participação dinâmica e serve também para compartilhar informações e estreitar os vínculos de confiança. A DINÂMICA O processo acontece geralmente em círculos concêntricos. Normalmente de cinco a oito participantes são selecionados para iniciar a conversa no círculo interno, o Aquário,



enquanto os demais sentam-se nos círculos externos para escutar atentamente. Embora aconteça de o grupo se auto-organizar na conversa em curso, é geralmente útil ter um anfitrião, facilitador ou moderador. O Aquário pode ter um tempo pré-determinado ou pode ser no tempo do grupo, ou seja, a conversa acaba quando acabar. Em qualquer uma das duas maneiras, o anfitrião introduz o tema para que se inicie a conversa dentro do Aquário. A maneira de o anfitrião ou outra pessoa referência do grupo introduzir o tema e fazer o convite à participação de todos é muito importante para a criação de campo desta metodologia. O tema a ser conversado deve realmente interessar e ter pertinência ao grupo presente. É importante que ninguém tente controlar o fluxo de ideias, devendo todos estar dispostos a deixar o conteúdo emergir dos comentários e das perguntas do grupo. Isso é particularmente importante quando há no Aquário a presença de especialistas sobre o assunto em questão ou palestrantes, por exemplo. Existem pelo menos duas maneiras de se fazer um Aquário: aberto ou fechado. Mas, como em todas as metodologias, existe espaço para muita criatividade e complementaridade com outras metodologias.

## Aquário fechado

Em um Aquário fechado, todas as cadeiras são preenchidas no início da conversa e estas pessoas conversarão por algum tempo (ou todo o tempo) sobre o tema escolhido. Os demais participantes escutam atentamente. Uma vez que o tempo se esgotou ou o grupo concluiu o que tinha para falar, o anfitrião encerra o processo e resume a conversa. Outra possibilidade é abrir o Aquário na sequência, para que outros participantes possam trazer suas percepções a partir do que ouviram. Isso vai depender da intenção e do desenho do processo.





## Aquário aberto

Em um Aquário aberto, pelo menos uma cadeira do círculo interno fica vazia. A escolha do número de cadeiras vazias no início da atividade fica a critério do anfitrião, de acordo com o propósito e o tamanho do grupo. As cadeiras livres indicam que, a qualquer momento, uma pessoa do público pode adentrar no Aquário e trazer as suas contribuições e perguntas sobre o assunto. Quando isso acontece, um membro do Aquário deve sair voluntariamente, liberando uma cadeira. A conversa continua com a entrada e saída das pessoas no Aquário. Aos poucos, pode ser que nenhuma das pessoas que iniciaram a conversa esteja presente. A conversa pertence ao coletivo e não a um número restrito de pessoas. Geralmente, quem está no Aquário percebe quando permanecer ali dentro e quando sair, baseando-se em sua percepção acerca do quanto ainda está contribuindo na conversa e mesmo observando a intenção de novas pessoas que querem sentar e trazer suas contribuições. Quanto mais participantes entrarem no Aquário, mais será a conversa. O silêncio faz parte da conversa e não falar é visto também como uma forma ativa de participação.

## Princípios

- O círculo central sempre deve ter uma ou mais cadeiras livres;
- Só uma pessoa fala por vez (facilitado por um objeto da fala ou microfone);
- Quem entra no Círculo é porque tem algo construtivo a acrescentar à conversa;
- Não há problema nenhum em entrar e sair sem falar;
- Evitar repetir informação, ou fugir do tema;
- Falar de forma sucinta e clara e ouvir com atenção e;
- Fazer perguntas direcionadas.



## Colheita das Historias

Citando a "Arte de Anfitriar Edicacao 2018"(ref:-

Contar histórias é uma das ferramentas mais poderosas na gestão de conhecimento em grupos e comunidades. Se contar histórias é uma habilidade humana tanto inerente quanto possível de ser refinada com prática, assim também é a escuta. A Colheita Coletiva de Histórias é uma metodologia que une os dois elementos para que possamos aprender, com intenção, a partir de nossas experiências. Esse é um processo poderoso que nutre contadores e ouvintes de diferentes formas, igualmente significativas.

A Colheita Coletiva de Histórias nos permite mapear, simultaneamente, diversos arcos de diversas histórias, sendo, portanto, ideal para reconhecer as muitas ideias, insights e aprendizados que existem abaixo da superfície de nossas histórias. Isso nos permite levar o aprendizado coletivo sobre determinado tópico para um nível mais profundo, transcendendo o pessoal e revelando percepções sobre contextos locais e sistêmicos de maneira íntima e leve.

**PREPARANDO PARA A COLHEITA COLETIVA DE HISTÓRIAS** O primeiro passo é definir o assunto a ser explorado através das histórias. Em geral, boas histórias consistem de um processo de transformação e mudança, preferencialmente com complexidade, escala e duração suficiente para torná-las interessantes.

Depois, faça um convite aos contadores de histórias. Histórias respondem a convites e, quando feitos do coração, possibilitam que uma história apareça de uma forma totalmente nova, oferecendo um novo aprendizado para aqueles que a contam e a escutam. A colheita do grupo, que é parte do processo, é um presente para aqueles que estão contando e para aqueles que estão colhendo, e deve ser oferecida como tal.

É melhor que as pessoas envolvidas diretamente em cada história estejam presentes para contá-las, e pode ser ainda mais interessante ouvi-las de mais de uma pessoa. Mais vozes dão mais profundidade, enriquecendo o processo com uma variedade de pontos de vista. Não há necessidade das histórias serem conhecidas, frequentemente contadas ou polidas de qualquer forma. Na verdade, esse processo pode ser usado para ajudar os contadores de história a focar e refinar a história para ser contada para diferentes públicos.

Várias histórias serão contadas simultaneamente. É importante, portanto, associar cada contador de histórias a um anfitrião para que ele possa apoiar o processo em seu círculo.



É importante informar os anfitriões com antecedência e apresentá-los aos seus contadores de histórias antes do início do processo.

Em seguida, decida em quais arcos você gostaria de fazer a colheita. Isso pode ser acordado entre o contador da história e os ouvintes, dependendo de onde eles queiram focar seu aprendizado. Como em qualquer processo da Arte de Anfitriar, você está planejando para a colheita. Tome o tempo necessário para discutir exatamente o que você pretende colher desse processo e o que vai acontecer com a colheita depois. Para ajudar na definição dos arcos, pode ser útil perguntar "O que é que mais queremos aprender com as histórias?".

Você vai precisar de pelo menos uma pessoa fazendo a colheita de cada arco escolhido. No entanto, mais de uma pessoa pode fazer a colheita do mesmo arco simultaneamente. Algumas opções de arcos frequentemente usados são:

- Arco Narrativo – A teia da história, pessoas, eventos, estágios. Você pode também colher fatos, emoções e valores que são parte da história, etc.
- Arco do Processo – Quais intervenções, processos e descobertas aconteceram?
- Arco de Descobertas – O que aprendemos quando os grandes progressos ocorreram?
- Liderança – Qual é o fio da liderança nesta história? Onde você percebe novas formas ou práticas de liderança?
- Sincronicidade e Magia – O que aconteceu durante a história que apontou para sincronicidade e magia?
- Princípios – Quais princípios estão presentes nessa história? O que aprendemos sobre práticas participativas?
- Relacionamentos – O que aprendemos sobre a importância dos relacionamentos? Como podemos trabalhar efetivamente como parceiros ou iniciar uma parceria?
- Tema Específico – É possível colher a história usando um tema específico, como colaboração, a arte da participação, ou os padrões da Arte de Anfitriar (Caminho Quádruplo, Modelo Caórdico, etc.).





- Questões – Quais questões surgem dessa história que posso levar adiante para minha família, comunidade ou organização?

Se existem talentos em seu grupo em facilitação gráfica, poesia, música, arte, etc, você pode convidar uma colheita em algum desses formatos. Cada um deles vai acrescentar uma grande riqueza, diversidade e satisfação para a colheita.

Essa é uma metodologia que demanda um certo tempo. O ideal é alocar pelo menos 90 minutos para uma boa experiência. Se você for usar essa metodologia com pessoas que nunca fizeram esse tipo de processo anteriormente, é aconselhável limitar a contação das histórias a 30 minutos, pois, caso contrário, é fácil para os ouvintes ficarem sobrecarregados. Se você está trabalhando com um time de prática ou seu propósito é criar o máximo de aprendizado ao redor de uma história, então você pode trabalhar com a interação entre as histórias, colheitas e aprendizados durante mais tempo.

#### DINÂMICA DA COLHEITA COLETIVA DE HISTÓRIAS

Estabelece-se um círculo com os contadores e demais participantes. Pode ser necessário o uso de algumas mesas pequenas para facilitar a colheita. Marcadores, canetas e outros suprimentos de arte também serão úteis no processo, bem como equipamentos para registro audiovisual e fotográfico, que podem trazer mais profundidade à colheita visual.

- Abertura (10 a 15 minutos) O anfitrião dá as boas-vindas ao grupo e introduz o processo e o tema a ser explorado. Depois, cada contador de história pode fornecer uma sinopse muito breve (de cerca de um minuto) para que os participantes possam escolher qual história desejam escutar. Nesse momento, também são apresentados os anfitriões de cada contador e onde cada história será contada. Opcionalmente, o anfitrião pode explicar os arcos escolhidos nesse momento.
- Contação da história (30 minutos) Após a introdução, os participantes se deslocam para pequenos círculos, onde cerca de dez participantes se juntarão a cada contador de história. O anfitrião de cada círculo convida o grupo a se apresentar brevemente, e depois convidará os participantes a serem os “coletores de sabedoria” para os vários arcos (eles distribuirão uma folha com a(s) pergunta(s) norteadora(s) para cada arco com espaço para a colheita). Mesmo que os arcos tenham





sido apresentados na introdução do processo, pode ser necessário que o anfitrião de cada círculo repita a explicação. Se mais de uma pessoa quiser o mesmo arco, não tem problema. Em seguida, o contador de histórias se apresenta e conta sua história por cerca de 20 minutos, enquanto os ouvintes tomam notas de acordo com seu arco.

- Colheita no grupo pequeno (30 - 50 minutos) Depois que o contador de histórias terminar de contar sua história, o anfitrião de cada círculo convidará os ouvintes a compartilhar o que ouviram de acordo com seu arco. Por exemplo, a pessoa que tiver escutado com foco nos momentos cruciais e inovações compartilhará alguns momentos-chave que ouviu na história que foram cruciais para a mesma. O anfitrião também pode perguntar aos demais se alguém gostaria de acrescentar algo àquele arco. Nesse processo, é importante que o contador permaneça em silêncio, colha o que é relatado, e tome os compartilhamentos como um presente. Depois que todos tenham compartilhado, o contador de histórias será convidado a compartilhar quais presentes ou insights que estão levando do processo. Essa parte levará de 30 a 50 minutos, dependendo do número de participantes, depois do qual pode ser útil ter um intervalo.
- Convergência e colheita (45 - 60 minutos) Todo o grupo então se reúne para descobrir os aprendizados que perpassam todas as histórias. Os participantes são convidados a se reunirem em grupos “semelhantes” – os contadores de histórias se sentarão juntos, os anfitriões de cada círculo se sentarão juntos, e os demais ouvintes se reunirão com os outros que tiverem escolhido os mesmos arcos – e, então, os grupos são convidados a compartilhar o que aprenderam na etapa anterior, de acordo com seu arco ou papel, no que se refere ao tema mais amplo sendo explorado nesse processo da Colheita Coletiva de Histórias. A intenção é colher em meta-nível para depois compartilhar com todo o grupo. É possível usar o Café Mundial<sup>35</sup> para esse processo.
- Encerramento (5 - 10 minutos) É hora de agradecer aos contadores de histórias e aos ouvintes. É recomendável abrir espaço para comentários finais sobre o processo e o que se aprendeu, bem como explicar o que acontecerá com a colheita.



## O QUE MAIS PODE SER FEITO COM A COLHEITA COLETIVA DE HISTÓRIAS?

Trazer histórias para a vida através do processo da Contação Coletiva de Histórias é uma maneira de aumentar o aprendizado e o entendimento compartilhado em nossos locais de trabalho, comunidades e muito mais, além de criar uma forte conexão entre os envolvidos.

Como um processo de contação de histórias, ele amplia nossa capacidade de ouvir e aprender em grupo, focando em vários temas diferentes de uma história simultaneamente.

Esta é uma maneira ideal de gerar insights, inovações e trazer para a superfície características que existem por trás de nossas histórias, levando nosso aprendizado a um nível mais profundo, tanto para quem conta a história, quanto para quem escuta.

Na maioria das vezes em que esse processo é utilizado, os contadores de histórias aprendem dos ouvintes. Do mesmo modo que visões de fora podem nos ajudar a ver algo que já conhecemos por uma nova ótica, ouvintes externos podem ajudar o contador da história a ver suas próprias experiências de uma nova maneira, revelando frequentemente o que não estava sendo visto. Mesmo algo simples como nomear o que não havia sido nomeado anteriormente acrescenta imensamente ao aprendizado. Já os ouvintes têm uma oportunidade de aprender das histórias e de levar esses aprendizados para sua vida.

Para a comunidade da Arte de Anfitriar e além Contar histórias é uma das ferramentas mais poderosas na gestão de conhecimento da comunidade da Arte de Anfitriar. Histórias contêm experiências e aprendizados que potencializam o uso das práticas da arte da liderança participativa. Compartilhar histórias é uma das formas mais rápidas para os princípios e práticas da Arte de Anfitriar serem compreendidos e integrados. À medida que a profundidade e escala do nosso trabalho aumenta, nossas histórias de prática oferecem marcos para inovação, desenvolvimento de processos e modos de criar espaços resistentes para conversas que realmente importam. A colheita de projetos que foram escalados, bem como aqueles que têm enfrentado muitos desafios, são uma contribuição valiosa para nossa comunidade, nos auxiliando a aumentar a aprendizagem dentro da nossa rede.

Para saber mais sobre a Colheita Coletiva de Histórias